

# CUIDADO É FUNDAMENTAL

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO

RESEARCH

DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12924

## OBSTETRIC VIOLENCE IN BRAZIL: APPROPRIATION OF THE FEMALE BODY AND RIGHTS VIOLATION – INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

*Violência obstétrica no Brasil: apropriação do corpo feminino e violação de direitos – revisão integrativa de literatura*

*La violencia obstétrica en Brasil: apropiación del cuerpo de la mujer y violación del derechos – revisión integrativa de la literatura*

**Juliana Eduardo dos Santos<sup>1</sup>** 

**Thalita Jenniffer Santos da Silva<sup>2</sup>** 

**Júlia Bordallo Paranhos<sup>3</sup>** 

**Pedro Henrique Souza Silva<sup>4</sup>** 

**Ana Isabella Sousa Almeida<sup>5</sup>** 

### ABSTRACT

**Objective:** to analyze the scientific literature about obstetric violence in the period 2017-2022. **Method:** basic and exploratory study with a qualitative approach, characterized as an integrative literature review. Data were collected from scientific database, using the descriptors “violence” and “obstetrics”, and respecting the time frame of 2017-2022. **Results:** a total of 136 articles were obtained. 26 studies composed the sample. The collected data were grouped into three thematic categories, structured from three nominal cores: women experience, experiences of professionals and violation of the black body. **Conclusion:** nurses are the professionals who speak most openly about the subject, in general they work in the prevention of violence. It is noted that many women do not know the real meaning of the term, and that black women are the ones who suffer the most violations of rights, because they are marked by historical stereotypes.

**DESCRIPTORS:** Obstetric violence; Pregnancy; Pregnant women.

<sup>1,2,3,4</sup> Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil.

<sup>5</sup> Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil.

Received: 16/08/2023; Accepted: 01/09/2023; Published online: 30/11/2023

**Corresponding Author:** Ana Isabella Sousa Almeida Sblalmeida@gmail.com

**How cited:** Santos JE, Silva TJS, Paranhos JB, Silva PHS, Almeida AIS. Obstetric violence in Brazil: appropriation of the female body and rights violation – integrative literature review. *R Pesq Cuid Fundam* [Internet]. 2023 [cited year month day];15:e12924. Available from:

<https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12924>



## RESUMO

**Objetivo:** analisar os dados contidos na literatura científica acerca da violência obstétrica no Brasil entre 2017 e 2022. **Método:** estudo de natureza básica, objetivamente exploratória com abordagem qualitativa, do tipo revisão integrativa de literatura. Os dados foram coletados nas bases de dados científicas, utilizando os descritores “violência” e “obstetrícia”, respeitando o recorte temporal de 2017-2022. **Resultados:** obteve-se um total de 136 artigos. Desses, 26 estudos compuseram a amostra. Os dados coletados foram agrupados em três categorias temáticas, estruturadas a partir de três núcleos nominais: experiência de mulheres, vivências de profissionais e violações do corpo negro. **Conclusão:** enfermeiras (os) são as profissionais que mais falam abertamente sobre a temática, em geral atuam na prevenção de violências. Nota-se que muitas mulheres não conhecem o real significado do termo, e que mulheres negras são as que mais sofrem violações de direitos, pois são marcadas por estereótipos históricos.

**DESCRITORES:** Violência obstétrica; Gravidez; Parturiente.

## RESUMEN

**Objetivos:** analizar los datos contenidos en la literatura científica sobre la violencia obstétrica en Brasil entre 2017 y 2022. **Método:** estudio de carácter básico, objetivamente exploratorio con un enfoque cualitativo, del tipo revisión integrativa de la literatura. Los datos fueron recolectados de bases de datos científicas, utilizando los descriptores “violencia” y “obstetricia”, respetando el marco temporal 2017-2022. Se obtuvieron un total de 136 artículos. De estos, 26 estudios conformaron la muestra. **Resultados:** Se obtuvieron un total de 136 artículos. De estos, 26 estudios conformaron la muestra. Los datos recopilados se agruparon en tres categorías temáticas. a partir de tres núcleos nominales: experiencia de mujeres, experiencias de profesionales y violaciones del cuerpo negro. **Conclusión:** Las enfermeras son las profesionales que hablan más abiertamente sobre el tema actúan en la prevención de la violencia. Se nota que muchas mujeres desconocen el verdadero significado de la terminología, y que las mujeres negras son las que más ven vulnerados sus derechos, por que están marcadas por estereotipos históricos.

**DESCRIPTORES:** Violencia Obstétrica; Embarazo; Mujeres embarazadas.

## INTRODUÇÃO

Historicamente, o conceito de violência obstétrica (VO) atravessa questões relacionadas a violência em seu contexto geral, mais especificamente a violência contra mulher na esfera dos fenômenos sociais e históricos, caracterizando-se por um conjunto de ações violentas, tais como abuso, desrespeito, maus tratos, a discriminação durante todo o ciclo-gravídico puerperal.<sup>1,2</sup>

O termo “violência obstétrica” vem sendo debatido em inúmeros eventos de saúde, impulsionado pelo crescimento do movimento denominado Medicina baseada em evidências, que visa tomar decisões clínicas baseadas em evidências científicas atuais sobre o cuidado individual. Entretanto, não há um consenso na literatura a respeito da definição desses atos desumanos sofridos pelas mulheres durante o ciclo gravídico e puerperal.<sup>2,3</sup>

O debate conceitual reascendeu em 2019, a medida em que a terminologia passou a ser objeto de disputa política e ideológica, quando o próprio Ministério da Saúde (MS) se demonstrou contrário ao uso do termo, alegando que a falta de consenso poderia gerar prejuízos para a assistência Obstétrica, ao mesmo tempo em que o Conselho Federal de Medicina (CFM) em consonância com o MS argumentou que o termo agride a comunidade médica, mais especificamente ginecologistas e obstetras.<sup>3</sup>

A problemática transcorre pela institucionalização do Parto, sobretudo pela mudança da visão fisiológica da gestação e parto, para uma ótica patológica e medicalizada. A institucionalização do parto concretizou um modelo que considera a gravidez, o

parto e o nascimento como doença, e tem contribuído para o aumento de intervenções desnecessárias com perda de direitos, autonomia e protagonismo feminino. O movimento em busca da Humanização do parto contrapõe o modelo obstétrico brasileiro atual, traçando críticas ao excesso de intervenções desnecessárias.

A alta prevalência de violência obstétrica no Brasil, com variações entre 18,3% e 44%, e a intensificação de denúncias na central de Atendimento à mulher em Situação de Violência (180) impulsionou a instauração de uma comissão especial para analisar as razões do aumento das denúncias e estudar as estatísticas de morte materna.<sup>5</sup> Ainda assim, os dados epidemiológicos nacionais são insuficientes.<sup>4</sup>

Diante do exposto, justifica-se o interesse nesta revisão, visto que, os resultados trazem visibilidade para a temática, reforçam as práticas baseadas em evidências, e se agrega ao movimento em busca da humanização do parto. Portanto, o objetivo deste estudo é analisar os dados contidos na literatura científica acerca da violência obstétrica no Brasil entre 2017 e 2022, a fim de sintetizar pesquisas disponíveis sobre a temática.

## MÉTODO

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), área de concentração enfermagem, que analisou os conteúdos jornalísticos disponíveis nas plata-

formas digitais e na literatura científica acerca da violência obstétrica no Brasil, nos últimos 5 anos. Este recorte traz um estudo de natureza básica, objetivamente exploratória com abordagem qualitativa, do tipo revisão integrativa de literatura (RIL) que identifica, sintetiza, agrupa e analisa os principais resultados obtidos por estudos anteriores, combinando informações e fornecendo conhecimento atual sobre a temática, seguindo as seis etapas descritas por Ganong<sup>6</sup>: elaboração de uma pergunta norteadora ampla; busca ou abordagem na Literatura; coleta de dados; análise crítica; discussão de resultados, e apresentação da RIL. Assim sendo, para o delineamento desta pesquisa, elaborou-se a seguinte pergunta de Pesquisa com base na estratégia PICO<sup>7</sup>: Quais os apontamentos da literatura científica sobre a violência obstétrica no período de 2017 a 2022?

A coleta de dados foi baseada nas recomendações *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and meta-analyses* (PRISMA)<sup>8</sup> e adaptado para RIL pelos autores. A pesquisa foi realizada em dois momentos distintos: agosto de 2022 e dezembro de 2022. As bases de dados consultadas foram: LILACS, PUBMED, BDNF e SCIELO, e os descritores aplicados foram “violência” e “obstetrícia”, e utilizando-se do operador Booleano “AND”, e o recorte temporal 2017 – 2022 obteve-se 136 artigos. Após a identificação dos estudos e seu armazenamento em nuvem, realizou-se a remoção dos estudos duplicados. Iniciando a triagem realizou-se primeiramente a avaliação dos artigos pelo título e resumo, posteriormente por textos completos, e em seguida foram excluídos artigos que não se encontravam no idioma português e/ou versavam

superficialmente sobre o tema ou não se adequavam a temática estudada. Ao final de todo esse processo foram incluídos 26 artigos neste estudo. A Figura 1, mostra uma adaptação do Fluxograma PRISMA apresentando e descrevendo todo esse processo de seleção dos estudos sobre violência obstétrica no Brasil entre 2017-2022.

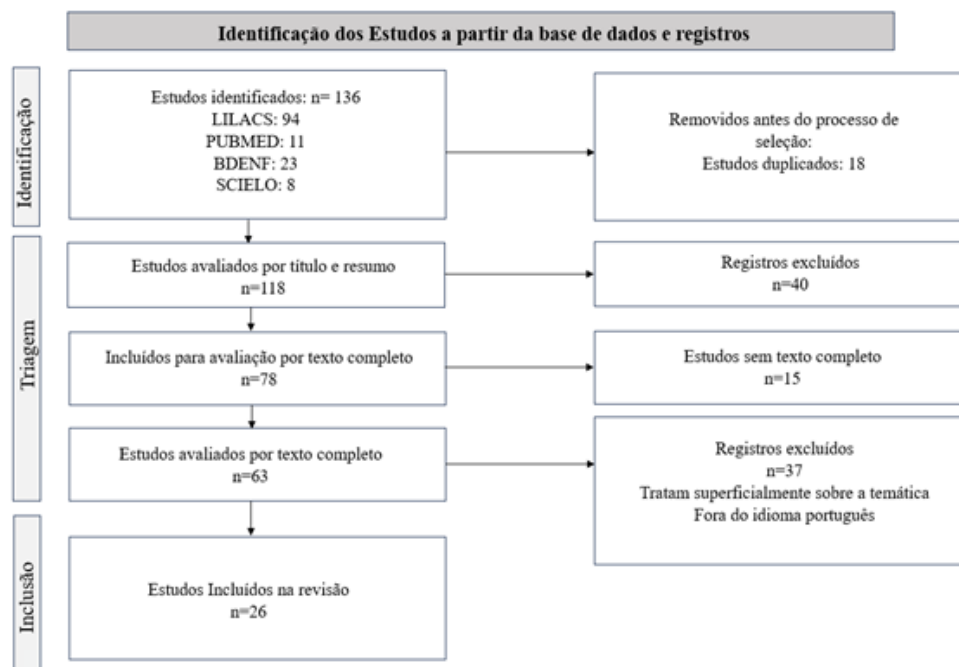
Após a seleção final dos artigos, os dados foram analisados com base na análise de conteúdo de Bardin, visando obter significações e categorias temáticas.<sup>9</sup> Este estudo não envolveu o indivíduo de forma direta ou indireta, não necessitou de parecer emitido pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

## RESULTADOS

Nas literaturas levantadas alguns núcleos nominais foram perceptíveis: experiência de mulheres, vivências de profissionais e violações do corpo negro. Esses eixos nos permitiram construir três categorias temáticas: 1) Vozes que ecoam: vivências de mulheres durante o parto; 2) Violência obstétrica e raça/cor: violações do corpo negro; e 3) Violência Obstétrica sob a ótica do profissional de saúde. Nota-se que na primeira categoria, os estudos contemplam especificamente violências obstétricas praticadas durante o parto, e não foram encontrados estudos que versassem sobre violências sofridas durante o pré-natal e/ou após processos de abortamento e puerpério (Quadro 1).

A segunda categoria “Violência obstétrica e raça/cor: violações do corpo negro” constituiu-se de artigos que representam as desigualdades e discriminações raciais presentes na assistência obstétrica (Quadro 2).

**Figura 1** - Apresentação do processo de seleção dos estudos sobre violência obstétrica no Brasil. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023.



Fonte: Próprio Autor

**Chart 1** - Publications organized around the theme "Voices that echo: women's experiences during childbirth". Rio de Janeiro, RJ, Brazil, 2023.

Authors/Year	Periodical/site	Title	Main findings
Rodrigues et al <sup>10</sup> 2017	Texto & contexto Enferm. Rio de Janeiro	Non-compliance with the escort law as an obstetric health problem	Lack of knowledge and Non-compliance with the escort law; Culture of power relations: professional-patient
Palma, Donelli <sup>11</sup> 2017	Psico Rio de Janeiro	Obstetric violence among Brazilian women	Women with lower education and income tend to suffer more OV.
Sá et al <sup>12</sup> 2017	Rev.Enferm. UFPE Pernambuco	The right to access and accompaniment to labor and birth: Women's perspective	The main types of violence cited: lack of reception, absence of a companion, pilgrimage and difficulty of access.
Oliveira, Mercedes <sup>13</sup> 2017	Rev. Enferm. UFPE Pernambuco	Perceptions of obstetric violence from the perspective of puerperal women	Ignorance and naturalization of acts considered OV.
Lansky et al <sup>14</sup> 2019	Ciência & saúde coletiva Rio de Janeiro	Obstetric violence: the influence of the exhibition Senses of Birth on the experience of pregnant women	Main violence cited: verbal abuse, obsolete procedures, non-consented interventions, imposed or accepted as a result of incipient, and/or mistaken information.
Oliveira et al <sup>15</sup> 2019	ABCS health sci Juazeiro do Norte	Obstetric violence experienced by parturient women	Feelings of fear and insecurity in the institution; Unfamiliarity with acts considered OV.
Silva et al <sup>16</sup> 2019	Rev. Enferm. UFPE Pernambuco	Puerperal women's knowledge of obstetric violence	Incipient knowledge. However, the participants associate OV with acts such as "pushing the belly" and "impossibility of choice".
Nascimento et al <sup>17</sup> 2019	Enfermería Actual de Costa Rica	Knowledge and experiences of obstetric violence in women who have experienced childbirth	Unawareness of the term. Perceived OV: Routine vaginal touching, verbal abuse, non-consensual procedure, including routine episiotomy.
Sampaio, Tavares e Herculano <sup>18</sup> 2019	Rev. Estud. Fem Paraíba	A cut to the soul: how parturients and doulas mean the obstetric violence they experience	Depersonification and objectification of women, curtailing their autonomy and rights.
Teixeira et al <sup>19</sup> 2020	Nursing Rio de Janeiro	Parturients' perceptions of obstetric violence	Limited knowledge associated with poor prenatal care.
Campos et al <sup>20</sup> 2020	Rev. baiana enferm. Bahia	Conventional childbirth practices and obstetric violence from the perspective of puerperal women	Conventional OV practices: indiscriminate use of oxytocin, routine practice of episiotomy, amniotomy, directed pulls
Pascoal et al <sup>21</sup> 2020	Nursing Rio de Janeiro	Obstetric Violence as perceived by puerperal women	Unfamiliarity with acts considered as OV, associated with incipient information during prenatal care.
Matos, Magalhães e Carneiro <sup>22</sup> 2021	Psicol. cienc. Prof Brasília	Obstetric Violence and Childbirth Trauma: Mothers' Reports	Childbirth as a traumatic, disrespectful event, full of conventional OV practices
Almeida et al <sup>23</sup> 2022	Revista de Pesquisa O cuidado é Fundamental	Perception of puerperal women at a maternal and child hospital about obstetric violence in the state of Roraima	Unfamiliarity with the term Obstetric Violence. Some acts are associated with mistreatment.
Oliveira et al <sup>24</sup> 2022	REBEN Rio de Janeiro	Characterization of obstetric care in teaching hospitals in a capital city in northeastern Brazil	Perceived OV: prohibition of feeding, Kristeller maneuver, oxytocin and routine vaginal touch, trichotomy, gastric lavage, separation of mother and child.

**Source:** Author

**Chart 2** - Publications organized around the theme "Obstetric violence and race/color: violations of the black body". Rio de Janeiro, RJ, Brazil, 2023.

Autores/Ano	Periódico/local	Título	Principais achados
Inagaki et al <sup>25</sup> 2018	Rev.Enferm. UFPE Pernambuco	Fatores associados à humanização da assistência em uma maternidade pública	Satisfação das mulheres em relação ao parto esteve associada com a cor da pele autodeclarada branca.
Curi, Ribeiro, Marra <sup>26</sup> 2020	Arq. bras. Psicol. Rio de Janeiro	A violência obstétrica praticada contra mulheres negras no SUS	Estereótipos, negligências e exclusão de mulheres negras.
Lima, Pimentel, Lyra <sup>27</sup> 2021	Ciência & saúde coletiva Rio de Janeiro	Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras	O racismo estrutural limita o acesso as mulheres negras aos seus direitos reprodutivos.
Mittelbach, Albuquerque <sup>28</sup> 2022	Trabalho, Educação e Saúde Rio de Janeiro	A pandemia de Covid-19 como justificativa para ações discriminatórias: viés racial na seletividade do direito a acompanhante ao parto	Racismo obstétrico intensificou as violações dos direitos das parturientes, em tempos de covid-19.

**Source:** Author

**Chart 3** - Publications organized around the theme "Obstetric Violence from the perspective of health professionals". Rio de Janeiro, RJ, Brazil, 2023.

Authors/Year	Periodical/site	Title	Main findings
Leal et al <sup>29</sup> 2018	Cogitare Enferm. Rio de Janeiro	Obstetric nurses' perceptions of obstetric violence	Some nurses don't recognize routine procedures as violence, claiming that the professional must decide when to intervene.
Sens e Stamm <sup>30</sup> 2019	Interface Botucatu	Doctors' perception of obstetric violence in the subtle dimension of the human and doctor-patient relationship	Doctors judge the media for spreading "fashions" that make women defy their behavior and commit violence against professionals.
Miranda et al <sup>31</sup> 2019	HU revista Juiz de fora	Obstetric violence: perceptions of obstetric nurses in a maternity hospital in Minas Gerais	They characterize OV as negligence, and disrespect for women's autonomy and female physiology.
Trajano e Barreto <sup>32</sup> 2021	Interface Botucatu	Obstetric violence in the view of health professionals: gender as a defining factor in childbirth care	It points out that obstetric violence is rooted in gender issues through the control of women's bodies

Bitencourt, Oliveira e Rennó <sup>33</sup> 2021	Enfermagem em Foco Brasília	The meaning of obstetric violence for childbirth care professionals.	Neglect, disrespect and verbal aggression were pointed out by the professionals
Paiva et al <sup>34</sup> 2022	Cogitare Enferm Rio de Janeiro	Social representations of obstetric violence for puerperal women and health professionals: correspondence factor analysis	OV is associated with carrying out practices without scientific evidence and involves the loss of rights and autonomy.
Nascimento et al <sup>35</sup> 2022	Nursing São Paulo	Experiences of obstetric violence: Good nursing practices in childbirth care	Nurses notice obstetric violence and try to prevent it, but run into institutional issues.

**Source:** Author

A maioria dos estudos voltados aos profissionais de saúde apresenta vivências de enfermeiros obstetras sobre o tema, porém é difícil significar a violência obstétrica. Em relação a categoria médica percebe-se a dificuldade em aceitação do termo, ao alegar que algumas intervenções podem ser necessárias. Em ambas as categorias é possível perceber que a autoridade profissional está contida nas falas e atitudes, e a relação de poder se concretiza com base no cargo que ocupam (Quadro 3).

## DISCUSSÃO

TAs transformações ocorridas no cenário do parto acentuaram as práticas de violência, uma vez que, o parto passou de um momento tranquilo e particular, para um evento hospitalar sujeito à intervenção e instrumentação. Os temas que emergiram apontam para a vivência de mulheres e profissionais, e retratam o cotidiano de mulheres durante o ciclo gravídico puerperal.

### Vozes que ecoam: vivências de mulheres durante o parto

A violência obstétrica pode acontecer durante a gestação, parto e pós-parto. Entretanto, a literatura apontou apenas vivências de mulheres durante o período do parto. Os estudos apontaram que a maioria das mulheres não possuem conhecimento sobre a violência obstétrica, e conseqüentemente, não conseguem se proteger e tampouco argumentar.<sup>16,17,19,21,23</sup>

É possível que devido o desconhecimento sobre o assunto, as mulheres sejam vítimas de agressões durante a assistência obstétrica e nem percebam que estejam sendo violentadas, tratando-as com naturalidade. Mas, mesmo com o avançar da medicina baseada em evidências, muitos procedimentos considerados obsoletos ainda são praticados. Embora não exista qualquer evidência de que a manobra de Kristeller é benéfica, essa prática ainda vem sendo realizada pelos profissionais.<sup>13-15,22</sup>

O uso indiscriminado de Ocitocina, amniotomia, episiotomia e toque vaginal de rotina, restrição ao leito, exigência de posição litotômica, também foram apontadas como intervenções frequentes durante o parto. Um estudo multicêntrico realizado entre 2015 e 2017 analisou o perfil e a experiência de parto de 555 mulheres, e concluiu que 46,4% foram obrigadas a permanecer na posição litotô-

mica, 23,7% sofreram com a manobra de Kristeller e 30,4% tiveram seu perineo mutilado pela episiotomia. E ainda 35,6% das mulheres relatam não terem sido informadas sobre esses procedimentos.<sup>14</sup>

Tanto abusos físicos quanto abusos psicológicos são comuns, a violência inicia no acolhimento com o descumprimento da lei do acompanhante, frequentemente apontado nos estudos.<sup>10,12</sup> Contudo, mesmo que a lei nº11.108/2005 esteja em vigor há mais 15 anos, instituindo a obrigatoriedade da presença de um acompanhante de livre escolha, muitas mulheres não conseguem usufruir desse direito, devido a desinformação sobre o assunto.

Por fim, o próprio caráter hostil do hospital já gera ansiedade, medo e insegurança nas mulheres, mas os sentimentos se acentuam quando a parturiente se sente inferior ao profissional. As relações de poder construídas socialmente estabeleceram uma relação de desigualdade, fixando o profissional em um patamar superior, e como sujeito inquestionável.

### Violência obstétrica e raça/cor: violações do corpo negro

Mesmo com o advento da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, em 2009, nota-se que as desigualdades raciais em saúde persistem no Brasil, e apontam para péssimos indicadores de acesso ao pré-natal e altas taxas de mortalidade materna durante a gestação, parto e puerpério em mulheres negras.<sup>14</sup>

O instituto de Estudos para Políticas de Saúde apontou que houve melhorias incrementais nos cuidados pré-natais entre 2014 e 2019, e redução do diferencial entre gestantes negras e brancas.<sup>36</sup> Entretanto, a pandemia intensificou novamente as desigualdades, e ampliou a mortalidade materna em mulheres negras. Corroborando, autores apontam que o contexto pandêmico concedeu justificativa para o descumprimento da Lei Federal nº11108, que diz respeito a permanência de um acompanhante de livre escolha. Como forma de prevenção, as instituições limitaram o acesso das pessoas dentro das maternidades, idealizando a paciente sem acompanhante, e analisando caso a caso, mas, obviamente mulheres negras foram as que menos tiveram permissão para permanecerem com acompanhantes, reforçando o racismo estrutural e institucional dentro dos serviços de saúde.<sup>28</sup>

A marginalização da população negra, e as práticas discriminatórias comuns no dia a dia influenciam diretamente no risco de sofrer VO. No imaginário popular brasileiro, mulheres negras são fortes, menos sensíveis a dor, são boas “parideiras”, e não necessitam de anestésias locais quando submetidas a cortes vaginais. Com base nesses estereótipos, nota-se que os principais atos violentos perpassam por negligências, recusa de atendimento, opressão e negação de métodos de alívio da dor.<sup>27</sup>

Assim sendo, é possível perceber que mulheres negras sentem menor satisfação a assistência recebida, quando comparada a mulheres brancas, evidenciando as disparidades no atendimento prestado pelos profissionais.<sup>25</sup>

### **Violência Obstétrica sob a ótica do profissional de saúde.**

A violência obstétrica percebida pelos profissionais de saúde relaciona-se a prevalência de procedimentos sem evidências científicas. Os enfermeiros, principalmente especialistas em Obstetrícia foram os principais participantes das pesquisas. No período de 2017-2022, apenas um estudo refletiu a percepção dos médicos em relação a temática. Percebe-se que a maioria dos profissionais médicos não concordam com o termo violência obstétrica, e acredita-se que eles tenham mais dificuldade em debater sobre a temática. Entretanto, outro estudo realizado em 2016 em Belém, Estado do Pará aponta que algumas enfermeiras obstétricas da localidade também não reconhecem as intervenções como uma prática violenta, visto que, para as participantes do estudo, a decisão sobre os procedimentos cabe ao profissional que está prestando a assistência, caso contrário, a autonomia do profissional corre riscos.<sup>29,30</sup>

Além disso, a maioria dos médicos acredita que o pré-natal deveria informar melhor a gestante em relação as intervenções que podem ser necessárias, pois mulheres informadas e colaborativas são mais fáceis de lidar, e muitas delas tornam-se questionadoras de condutas devido ao modismo da mídia<sup>30</sup>. Em vista disso, está explícito a relação de poder presente na assistência obstétrica representada pela dominação do corpo feminino, de tal modo que mulheres se tornam refém dos dominadores.

Assim como relatado pelas puérperas, as enfermeiras destacam que a violência obstétrica tem se caracterizado por abusos físicos e verbais com uso de termos intimidatórios e constrangedores, negligências, e uso de técnicas invasivas justificadas como rotina hospitalar.<sup>29,31,32,35</sup> Ainda assim, sabe-se que os enfermeiros obstetras são os principais aliados na luta pela ressignificação do parto, e resgate da autonomia feminina e têm lutado para combater violências e proporcionar uma assistência digna a mulher, mas esbarram nas barreiras institucionais que os limitam.<sup>35</sup>

Isto posto, nota-se que os profissionais de saúde possuem visões distintas sobre a temática. Em geral, médicos tem mais dificuldade de aceitar o termo violência obstétrica do que enfermeiros, e ambos acreditam que o profissional que atua no pré-natal deve ser o principal responsável por divulgar informações sobre o trabalho de parto e parto.

As limitações do estudo relacionam-se a difícil captação de artigos que pontuem a percepção de outros profissionais (que não sejam

enfermeiros) sobre a temática, tornando inviável uma comparação entre as demais categorias que atuam na assistência obstétrica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A violência obstétrica vem se consolidado como um grave problema de saúde pública, uma vez que muitas mulheres desconhecem as ações violentas e seus corpos são desrespeitados pelos autointitulados detentores de saber, intensificando as relações de poder, principalmente quando se trata de mulheres negras, ainda tão negligenciadas pelo sistema de saúde. Há uma predominância de estudos que apontam para percepção de enfermeiros sobre a temática, e sua atuação frente a violência obstétrica. Entretanto, a ausência de conhecimento sobre a violência obstétrica tanto dos profissionais quanto das parturientes, demonstra que é preciso intensificar a promoção de ações contributivas que visem a humanização da assistência e ressignificação do parto, associadas à educação em saúde pautada em evidências científicas atuais sobre a atuação obstétrica.

## **REFERÊNCIAS**

1. Souza LV. ‘Não tem jeito. Vocês vão precisar ouvir’ violência obstétrica no Brasil : construção do termo, seu enfrentamento e mudanças na assistência obstétrica (1970-2015) [Doutorado em História das Ciências e da Saúde]. Rio de Janeiro (Brasil): Fundação Oswaldo Cruz; 2022. [acesso em 02 de maio 2023]. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53543>.
2. Leite TH, Marques ES, Esteves-Pereira AP, Nucci MF, Portella Y, Leal MC et al. Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil. *Rev. Ciênc. saúde coletiva*. [Internet]. 2022 [acesso em 03 de maio 2023];27(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-8123202272.38592020>.
3. Lima KD, Pimentel C, Lyra TM. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. *Rev. Ciênc. saúde coletiva*. [Internet]. 2021 [acesso em 03 de maio 2023];26 (suppl3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019>.
4. Henriques T. Violência obstétrica: um desafio para saúde pública no Brasil. *Paginá grená*. [Internet]. 2021 [acesso em 03 de maio 2023]. Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/2021/02/22/violencia-obstetrica-um-desafio-para-saude-publica-no-brasil/>.

5. Câmara dos deputados [homepage na Internet]. Comissão especial sobre violência obstétrica será instalada nesta terça-feira. [acesso em 03 mai 2023]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/947714-comissao-especial-sobre-violencia-obstetrica-deve-ser-instalada-na-terca-feira/>.
6. Ganong LH. Integrative reviews of nursing research. *Res. nurs. health.* [Internet]. 1987 [cited 2023 may 03];10(1). Available from: <http://dx.doi.org/10.1002/nur.4770100103>.
7. Santos CMC, Pimenta CAM, Nobre MRC. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. *Rev. latinoam. enferm.* (Online). [Internet]. 2007 [acesso em 08 de agosto 2022];15(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>.
8. Page MJ, Mckenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ.* [Internet]. 2021 [cited 2022 aug 08];372(71). Available from: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>.
9. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2016.
10. Rodrigues DP, Alves VH, Penna LHG, Pereira AV, Branco MBLR, Souza RMP. O Descumprimento da lei do acompanhante como agravo à saúde obstétrica. *Texto & contexto enferm.* [Internet]. 2017 [acesso em 03 de agosto 2023];26(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005570015>.
11. Palma CC, Donelli TMS. Violência obstétrica em mulheres brasileiras. *Psico.* [Internet]. 2017 [acesso em 03 de agosto 2023];48(3). Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.3.25161>.
12. Sá AMP, Alves VH, Rodrigues DP, Branco MRBl, Paula E, Marchiori, GRS. O direito ao acesso e acompanhamento ao parto e nascimento: a ótica das mulheres. *Rev. enferm. UFPE on line.* [Internet]. 2017 [acesso em 03 de agosto 2023];11(7). Disponível em: <https://doi.org/10.5205/reuol.10939-97553-1-RV.1107201705>.
13. Oliveira MC, Mercês MC. Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas. *Rev. enferm. UFPE on line.* [Internet]. 2017 [acesso em 03 de agosto 2023];11(suppl6). Disponível em: <https://doi.org/10.5205/reuol.9799-86079-1-RV.1106sup201701>.
14. Lansky S, Souza KV, Peixoto ERM, Oliveira BJ, Diniz CSG, Vieira NF et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. *Rev. Ciênc. saúde coletiva.* [Internet]. 2022 [acesso em 03 de maio 2023];24(8). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017>.
15. Oliveira MSS, Rocha VSC, Arrais TMSN, Alves SM, Marques AA, Oliveira DR et al. Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes. *ABCS health sci.* [Internet]. 2019 [acesso em 03 de maio 2023];44(2). Disponível em: <https://doi.org/10.7322/abcshs.v44i2.1188>.
16. Silva FC, Viana MRP, Amorim FCM, Veras JMMF, Santos RC, Sousa LL. O saber de puérperas sobre violência obstétrica. *Rev. enferm. UFPE on line.* [Internet]. 2019 [acesso em 03 de maio 2023];13. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242100>.
17. Nascimento SL, Pires VMMM, Santos NA, Machado JC, Meira LS, Palmarella VPR. Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto. *Enfermería Actual de Costa Rica.* [Internet]. 2019 [acesso em 03 de maio 2023];37. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15517/revenf.v0ino.37.35264>.
18. Sampaio J, Tavares TLA, Herculano TB. Um corte na alma: como parturientes e doulas significam a violência obstétrica que experienciam. *Rev. estud. fem.* [Internet]. 2019 [acesso em 04 de junho 2023];27(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356406>.
19. Teixeira PC, Antunes LS, Duamarde LTL, Velloso V, Faria GPG, Oliveira TS. Percepção das parturientes sobre violência obstétrica: a dor que querem calar. *Revista Nursing.* [Internet]. 2020 [acesso em 04 de junho 2023];23(261). Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/490/465>.
20. Campos VS, Morais AC, Souza ZCSN, Araujo PO. Práticas convencionais do parto e violência obstétrica sob a perspectiva de puérperas. *Rev. baiana enferm.* [Internet]. 2020 [acesso em 04 de junho 2023];34. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v34.35453>.
21. Pascoal KCF; Filgueiras TF; Carvalho MA; Candeia RMS; Pereira JB; Cruz RAO. Violência obstétrica na percepção de puérperas. *Revista Nursing.* [Internet]. 2020 [acesso em 04 de junho 2023];23(265). Disponível



- em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/636/627>.
22. Matos MG, Magalhães AS, Féres-Carneiro T. Violência Obstétrica e Trauma no Parto: O Relato das Mães. *Psicol. ciênc. prof.* [Internet]. 2021 [acesso em 04 de junho 2023];41. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003219616>.
  23. Almeida JV, Oliveira EM, Medeiros AS, Carvalho MSML. Percepção das puérperas de um hospital materno infantil sobre a violência obstétrica no estado de Roraima. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*. [Internet]. 2022 [acesso em 10 de junho 2023];14. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11680>.
  24. Oliveira LLF, Trindade RFC, Santos AAP, Pinto LMTR, Silva AJC et al. Caracterização da atenção obstétrica desenvolvida em hospitais de ensino de uma capital do nordeste brasileiro. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2022 [acesso em 10 de junho 2023];75(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0896>.
  25. Inagaki ADM, Lopes RJL, Cardoso NP, Feitosa LM, Abud ACF, Ribeiro CJN. Fatores associados à humanização da assistência em uma maternidade pública. *Rev. enferm. UFPE on line.* [Internet]. 2018 [acesso em 03 de agosto 2023];12(7). Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i7a231395p1879-1886-2018>.
  26. Curi PL, Ribeiro MTA, Marra CB. A violência obstétrica praticada contra mulheres negras no SUS. *Arq. bras. psicol.* [Internet]. 2020 [acesso em 03 de agosto 2023];72(spe). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.156-169>.
  27. Lima KD, Pimentel C, Lyra TM. A pandemia de Covid-19 como justificativa para ações discriminatórias: viés racial na seletividade do direito a acompanhante ao parto. *Ciênc. saúde coletiva.* [Internet]. 2021 [acesso em 04 de agosto 2023];26 (suppl3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019>.
  28. Mittelbach J, Albuquerque GSC. A pandemia de Covid-19 como justificativa para ações discriminatórias: viés racial na seletividade do direito a acompanhante ao parto. *Trab. educ. saúde.* [Internet]. 2022 [acesso em 04 de agosto 2023];20. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00332>.
  29. Leal SYP, Lima VLA, Silva AF, Soares PDFL, Santana LF, Pereira A. Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica. *Cogitare Enferm.* (Online). [Internet]. 2018 [acesso em 05 de julho 2023];23(2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v23i1.52473>.
  30. Sens MM, Stamm AMNF. Percepção dos médicos sobre a violência obstétrica na sutil dimensão da relação humana e médico-paciente. *Interface.* [Internet]. 2019. [acesso em 05 de julho 2023];23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180487>.
  31. Miranda FL, Velloso GS, Lima PO, Range SC, Almeida HF, Pimenta ML et al. Violência obstétrica: percepções de enfermeiros obstétricos em uma maternidade de Minas Gerais. *HU rev.* [Internet]. 2019 [acesso em 05 de julho 2023];45(4). Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-8047.2019.v45.27899>.
  32. Trajano AR, Barreto EA. Violência obstétrica na visão de profissionais de saúde: a questão de gênero como definidora da assistência ao parto. *Interface (Botucatu)*. [Internet]. 2021. [acesso em 05 de julho 2023];25. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200689>.
  33. Bitencourt AC, Oliveira SL, Rennó GM. Significado de violência obstétrica para os profissionais que atuam na assistência ao parto. *Enfermagem em foco.* [Internet]. 2021 [acesso em 05 de julho 2023];12(4). Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n4.4614>.
  34. Paiva AMG, Pereira AMM, Dantas SLC, Rodrigues ARM, Silva FWO, Rodrigues DF. Representações sociais da violência obstétrica para puérperas e profissionais da saúde: análise fatorial de correspondência. *Cogitare Enferm.* [Internet]. 2022 [acesso em 01 de agosto 2023];27. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.75198>.
  35. Nascimento DEM, Barbosa JC, Isaías BB, Nascimento RBH, Fernandes EM, Luna Neto RT. Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. *Revista Nursing.* [Internet]. 2022 [acesso em 01 de agosto de 2023];25(291). Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/2662/3224>.
  36. Instituto de Estudos para Políticas de Saúde. Desigualdades raciais na saúde: cuidados pré-natais e mortalidade materna no Brasil, 2014-2020. [Internet].